

Nº: _____

Para preenchimento do Ibram

A POTÊNCIA CRIATIVA DA PARTICIPAÇÃO: REINVENTANDO O MUSEU DA IMAGEM E DO SOM DE CAMPINAS

(Modalidade de trabalho: Apresentação oral)

Esta comunicação apresenta os achados iniciais de uma reflexão sobre as transformações do papel social do Museu da Imagem e do Som (MIS) de Campinas, prestes a completar 40 anos de existência. O projeto de construção de uma história cultural da instituição, em andamento, vale-se da análise da pesquisa bibliográfica, da documentação museológica, de procedimentos de história oral e do exame crítico do perfil de seus acervos, programações culturais e formas de gestão operadas ao longo do tempo. Suas contribuições estendem-se para além dos domínios locais: propõem e colocam em discussão um modelo museológico social e articulado em rede, ao mesmo tempo em que convocam os museus municipais e os museus de imagem e som a repensar criticamente suas origens e funções na contemporaneidade.

O Museu da Imagem e do Som de Campinas foi criado em 1975, na estrutura da Secretaria Municipal de Cultura, SMC, em um contexto histórico complexo que articula nos planos nacional e local forças sociais e econômicas hegemônicas que buscam nos campos da cultura e da memória sua afirmação e legitimação. Havia pouco mais de uma década, o Brasil estava mergulhado na ditadura militar, que encampava e levava a termo um processo desenvolvimentista conservador (DELGADO, 2001), calcado em um modelo que Celso Furtado denominou “modernização do subdesenvolvimento”: adotavam-se certos aspectos do capitalismo contemporâneo – padrões de consumo, urbanização e emergência de segmentos produtivos –, sem, contudo, operar transformações profundas quanto aos direitos sociais, participação política, função social do Estado e democracia (CEPÊDA, 2001). No Estado de São Paulo, aquela década seria marcada pelo início de um processo de interiorização do desenvolvimento, com a multiplicação de polos urbanos industrializados, dentre os quais se destacou a região de Campinas (BAENINGER, 2001). Aqui, segundo essa pesquisadora, os movimentos migratórios provenientes da Região Metropolitana de São Paulo e de áreas menos dinâmicas, sobretudo do Paraná, de Minas Gerais e de Estados do Nordeste, conjugaram fluxos de uma classe média de técnicos e cientistas altamente qualificados – alocados nas indústrias de tecnologia e nos centros de pesquisa – e da população de baixa renda, empregada na construção civil e no setor de serviços. Com a configuração de um espaço metropolitano, o grupo de maior vulnerabilidade – natural do local ou de origem migrante – foi sucessiva e continuamente expulso das áreas centrais da própria cidade e dessa para os municípios do entorno, configurando um processo de periferização. Nesse cenário, insere-se uma elite urbana – “remanescente dos grandes proprietários cafeicultores” (VASCONCELLOS, 2012, p. 24) – que investe na criação de instituições culturais, dentre as quais os museus municipais, como forma de expressão de seu poder e de legitimação de seu projeto social.

No caso do Museu da Imagem e do Som de Campinas, Vasconcellos (2012, p. 21-28) considera sua fundação como resultante de forças complexas e conflitantes que expressam expectativas socioculturais amplas, situadas no embate entre tradição e modernidade: se os “grupos tradicionais esperam nessa política cultural um espelhamento de sua identidade nas ações do museu, a juventude e setores ansiosos pela modernização das políticas culturais da cidade o receberam com outros propósitos”. Assim se constituíram os primeiros acervos do MIS Campinas e sua programação cultural, calcada numa proposta educativa de formação de público e elevação estética do gosto – concretizada principalmente na exibição de “filmes de arte” que se contrapunham a uma produção comercial do cinema.

A investigação no campo da história cultural que problematize as funções sociais desempenhadas pelo MIS e os desvios que seu projeto inicial sofreu ainda está em andamento. Contudo, pode-se afirmar que no início dos anos 2000 uma nova proposta museológica se instituiu, na conjuntura da emergência de forças políticas e sociais que nascem da luta pela redemocratização da sociedade brasileira e da organização dos movimentos populares – resultante dos mesmos processos excludentes de concentração urbano-industrial e periferização, e da qual o movimento dos favelados conhecido como Assembleia do Povo, entre os anos 1979 e 1986, em Campinas, parece ser a expressão mais significativa (LOPES 1997). São marcos constituintes dessa virada a instalação do MIS no Palácio dos Azulejos, compartilhado com outros setores da SMC, após décadas de perambulação por espaços inadequados, em 1996, e a ocupação total do edifício, já restaurado e reinaugurado, em 2004. É nesse contexto que se configuram práticas participativas de gestão e de curadoria das programações, de ocupação dos espaços-tempos do museu por coletivos culturais populares e de ação educativa – mais especificamente, o programa Pedagogia da Imagem, que situa o processo museológico do MIS no quadro da Museologia Social.

Reformulada e proposta em 2003 como uma ação de formação de educadores da rede pública municipal para o uso do vídeo e da fotografia em sala de aula, a Pedagogia da Imagem foi gradualmente se expandindo e diversificando suas atividades e grupos de interesse. Em 2009, já se configurava como um amplo programa educativo voltado para a apropriação crítica e dialógica do audiovisual, baseado em quatro eixos de ação: o conhecimento da história e das linguagens audiovisuais; o exercício criativo que expressa a realidade do educando; a formação de circuitos de produção e fruição cultural nas periferias/ no museu e o desenvolvimento de uma cultura de memória e preservação (cf. SIQUEIRA, 2009).

Funcionando como um laboratório no qual podem ser testadas novas possibilidades de práticas museológicas (SIQUEIRA, 2014), o programa tem contribuído para a democratização do perfil dos acervos e das programações culturais. Seu ponto de partida não são as coleções preexistentes de fotos, equipamentos e filmes, tampouco o Palácio que lhe serve como sede. Ao contrário, a ação educativa inicia-se no encontro com a comunidade, em seu *território* concreto, os bairros, estabelecendo um diálogo cujo foco é revelar seu *patrimônio global*. Nesse deslocamento, por meio das oficinas e mostras produzidas colaborativamente, o MIS busca integrar sua missão – a preservação do audiovisual – aos objetivos e interesses locais de desenvolvimento. Ao operar a aprendizagem do audiovisual como criação reflexiva sobre a realidade mesma dos sujeitos envolvidos, essa educação se pretende libertária, uma vez que objetiva a identificação e a projeção de potencialidades existentes para ação transformadora. A produção de novos acervos – na ação educativa e pelos educandos – promove uma redefinição do próprio patrimônio audiovisual, alargando sua compreensão em termos conceituais e práticos. No movimento de exposição em circuitos culturais dessa outra herança, antes silenciada e ocultada, o museu vem se reinventando como fórum e rede, permitindo novas conexões e reinterpretções de seu acervo.

Assim, da participação social vem emergindo um modelo museológico menos centrado na instituição e mais afeito à rede e ao fluxo – um museu que se redefine de maneira plural em cada ponto de conexão onde se opera sua apropriação, de acordo com os significados de que o patrimônio ali se reveste. Que o museu assuma essa configuração (virtual e líquida) não depende de sua tipologia, mas da sua capacidade de tecer relações dialógicas, de cogestão e de mediação com as diferentes comunidades que constituem sua rede. Essa proposição abre uma via para reflexão sobre o papel social dos museus municipais e de imagem e som e convida ao experimento de novas possibilidades de configuração.

Referências bibliográficas

BAENINGER, Rosana. “Região Metropolitana de Campinas: expansão e consolidação do urbano paulista”. In: HOGAN, Daniel Joseph; BAENINGER, Rosana; CUNHA, José Marcos Pinto da; CARMO, Roberto Luiz. **Migração e ambiente nas aglomerações urbanas**. Campinas: NEPO/ Unicamp, 2001, p. 321-348.

CEPÊDA, Vera Alves. “O pensamento político de Celso Furtado: desenvolvimento e democracia”. In: BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos; REGO, José Marcio. **A grande esperança em Celso Furtado: ensaios em homenagem aos seus 80 anos**. São Paulo: Editora 34, 2001, p. 167-184.

DELGADO, Guilherme C. “Expansão e modernização do setor agropecuário no pós-guerra: um estudo da reflexão agrária”. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 15, n. 43, dez. 2001, p. 157-172. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142001000300013&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em 25 set. 2014.

LOPES, Doraci Alves. **Marginais da história? O movimento dos favelados da Assembleia do Povo**. São Paulo: Alínea, 1997.

SIQUEIRA, Juliana Maria de. Pedagogia da Imagem: uma abordagem da ação educativa em audiovisual. **Congresso Latino-Americano e Caribenho de Arte/Educação: Concepções contemporâneas**. V. 1. Belo Horizonte: Escola de Belas Artes; INSEA; Conselho Latino-Americano de Educação Através da arte, 2009.

_____. “O signo da participação: museu e educação na perspectiva da Sociomuseologia”. **Revista de Arqueologia Pública**. Nº 9. Campinas: LAP Unicamp, 2014, p. 47-62.

VASCONCELLOS, Mirna. **MIS – Um museu campineiro brasileiro: sentidos e fragmentos da cidade e do Museu da Imagem e do Som de Campinas**. Campinas: Pontes, 2012.